



PATRIMÓNIO GEOLÓGICO, ARQUEOLÓGICO E MINEIRO EM REGIÕES CÁRSICAS

Actas do Simpósio
Ibero-Americano

Editores

José M. Brandão
Carlos Calado
Fernando Sá Couto

SEDPGYM

Dinâmicas urbanas e rurais nas Terras de Sicó: alguns estudos de caso para a elaboração de um projecto

Virgílio H. Correia, Adriaan De Man e Rodrigo Pereira

Museu Monográfico de Conimbriga

director@conimbriga.pt; dout03017@letras.up.pt; rpm_arqueol@conimbriga.com

Resumo

Estudos de índole regional, fortemente baseados em escavação e focados na paisagem romana e medieval, evidenciam relações territoriais integradas, difíceis de reconhecer em separado. Conimbriga, enquanto centro urbano imperial, adquiriu e perdeu predominância económica, obrigando ao reordenamento sucessivo dos restantes núcleos de assentamento.

Palavras-chave: arqueologia da paisagem, período histórico.

Abstract

Regional studies, primarily based on excavation and focused on the Roman and Medieval landscape, confirm integrated territorial relations, which are difficult to recognize in separate. Conimbriga, as Imperial urban centre, acquired and lost its economical prevalence, forcing successive rearrangements of the other sites.

Keywords: Landscape archaeology.

Introdução

O maciço de Sicó, integrado na serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, forma um conjunto geomorfológico bem definidor da paisagem (CUNHA 1990; *id.* 1995, 9-12). Quando Orlando Ribeiro (1993), ciente da estreita ligação entre a geografia e o assentamento humano, notou que o limite da influência mediterrânica coincide precisamente com a zona de Conimbriga, o seu raciocínio baseava-se nos mesmos princípios empíricos que tinham condicionado o assentamento humano durante séculos. Constata-se uma transição abrupta entre uma paisagem marcadamente atlântica, a norte do vale do Mondego, e as terras que lhe são imediatamente meridionais, das quais o Rabaçal se revela um bom exemplo. É de

facto difícil interpretar a ocupação antiga das Terras de Sicó sem considerar o importante eixo fluvial constituído pelo Mondego. A afirmação das sociedades complexas tornou este rio um verdadeiro *porto de entrada* da navegação comercial, logo desde a primeira metade do século VII, como se depreende da presença fenícia na área (CORREIA 278-283). A linha costeira ocidental tinha sempre constituído a mais evidente das rotas comerciais, desde a incursão de Décimo Júnio Bruto, sobre caminhos já existentes. A rede imperial, finalmente normalizada, legitimou muitas vias existentes, e a que assegurava a travessia do Munda assumiu uma importância crucial (MANTAS 1996, 612-617). Tanto *Aeminium* como *Conimbriga* tinham sido núcleos da Idade do Ferro, o que evidencia que também a lógica proto-histórica encontrara fortes razões para ocupar os mesmos sítios que viriam a servir a estrutura romana.

Deve ser referido que a interacção inter-regional em sociedades complexas, postulada de forma tradicional numa série de áreas nucleares e de periferias, é passível de novas interpretações, assentando nas próprias dinâmicas regionais (STEIN 2002, 905-908). O funcionamento de processos internos, a nível social, político e económico, jogou um papel importante na tradução de políticas oficiais, e é nessa perspectiva que se compreende o território antigo de Sicó. Desde Hodder que se reconhecem múltiplas realidades sociais, sustentadas pela dimensão espacial. Foi, em suma, o desenvolvimento da arqueologia social de Refrew e de Barrett que permitiu avanços em diversas direcções: estudos sociais, culturais, geomorfológicos ou ecológicos, ou ainda, por exemplo, a persecução da veia comportamentalista, num afastamento do sítio enquanto unidade de análise, culminando numa espécie de "offsite archaeology" (THOMAS 1993, 19-20).

O estado dos nossos conhecimentos

Mesmo com cartas arqueológicas para a zona, o conhecimento sobre a organização antiga das Terras de Sicó não é homogéneo. Muitos sítios foram intervencionados, mas sem um registo utilizável de horizontes de ocupação, o que impede a sua comparação linear. Um problema de fundo prende-se com a ligação entre o povoamento e a cerâmica, que não reflecte uma realidade histórica linear, e afigura-se duvidoso, principalmente em grandes períodos de transição ou de convivência cultural, adscrever tipologias manufacturadas a uma determinada população (GUTIÉRREZ LLORET 21-24).

Encontra-se em fase de arranque um programa de investigação do território romano e tardo-antigo, articulando vários projectos individuais em curso, ancorados em Conimbriga, e baseados em escavação intensiva. A área representa uma unidade geográfica suficientemente ampla para se tornar representativa a diferentes níveis, no respeitante ao período histórico. As Terras de Sicó englobam três territórios romanos (*Conimbriga*, *Colippo* e *Sellium*), e representam também uma região de dinâmicas alto-medievais muito particulares, culminando por fim nas linhas de fortificação da Reconquista. A investigação em curso está a obter, pela primeira vez, sequências estratigráficas comparáveis, e a articulá-los com vista à produção de um conjunto arqueológico homogeneizado. A pretensão de realizar um estudo territorial implica necessariamente a definição dos horizontes de ocupação dos respectivos núcleos, e não a sua mera indicação num mapa. As evoluções internas de *Conimbriga*, de Santiago da Guarda e dos demais sítios romanos e medievais exprimem dinâmicas localizadas, que, integradas numa avaliação comum, permitem avaliar uma série de factores regionais.

É fá-
tigráficas
centra no
sobre o u
preende, a
eixos pré-
de uma d

A ú-
lato, mas
viável um
das escava
da década
REIA 199
de Cantab
A investig
2000, 27
278-283)

Um
continuid
tardia (D
pação vis
século IV
não visíve

Out
consiste n
de uma co
da muralh
completar
poderá re
1998/89,
a uma sec

Qu
na transf
em visões
capela, un
no local,
contradiz
igreja alto

Por
alto-medi
de dataçã
ção de at
baixo-imp
recto e ca

É fácil de ver que a situação actual de *Conimbriga* permite a obtenção de amostras estratigráficas com elevado grau de fiabilidade, razão pela qual a metodologia de investigação se centra no sítio para conseguir referências para comparação. Tem sido trabalhado intensamente sobre o urbanismo imperial de *Conimbriga*, cuja expressão não se resume, como se compreende, aos grandes projectos oficiais. A condição de oppidum romanizado fez preservar alguns eixos pré-romanos, que foram sendo corrigidos mas que se aproximaram apenas vagamente de uma disposição ortogonal.

A última década e meia resultou não apenas numa reapreciação urbanística em sentido lato, mas conduziu principalmente à obtenção de uma base de dados, a partir da qual se torna viável uma série de raciocínios posteriores, que não se evidenciam necessariamente na altura das escavações propriamente ditas. Neste âmbito, são de destacar as intervenções de inícios da década de 1990 na muralha alto-imperial, no anfiteatro e na Casa dos Repuxos (CORREIA 1997, 36-40) e também as que, mais recentemente, permitiram a reavaliação da Casa de Cantaber (CORREIA 2001, 83-140 e do Mediano Absidado (RUIVO 2006, 301-309). A investigação sobre a articulação hidráulica e termal, propriamente dita (CORREIA e REIS 2000, 271-280), e sobre a evolução musical (PESSOA 2005, 363-401; OLIVEIRA 2006, 278-283) é necessariamente parte integrante da questão urbanística.

Uma escavação iniciada o ano passado no anfiteatro representa um bom exemplo de continuidade. Resultou na identificação de um dos *comitatus* sudestes, sobreposta pela muralha tardia (DE MAN 2007a). O que interessa apontar neste contexto são as sequências de ocupação visíveis no corte, todas posteriores à construção da muralha, nas primeiras décadas do século IV. Os níveis são de cronologia visigótica e islâmica, e acrescentam-se duas outras que, não visíveis no corte, foram datadas pelo radiocarbono e correspondem ao século XI.

Outro espaço de continuidade é o do Bico da Muralha que, do ponto de vista urbanístico, consiste numa zona seccionada, numa óbvia analogia defensiva com a muralha defensiva. Trata-se de uma construção de época visigótica, quase de certeza do século VI, adossado à secção noroeste da muralha (DE MAN 2007b). Importa referir a identificação de elementos calcolíticos, embora completamente descontextualizados, em camadas de actividade imperial, num local que, no futuro, poderá revelar boas ocupações da Idade do Ferro, análogos aos da zona do *forum* (ARRUDA 1998/89, 93-100). O último horizonte identificado com relevância arqueológica sobrepõe-se a uma sequência tardia, e reporta à ocupação imediatamente posterior à construção do Bico.

Quanto à chamada basílica paleocristã, existe há muitos anos uma concepção que assenta na transformação da *domus* de *Tancinus* em *domus ecclesiae* e em basílica. Esta ideia assenta em visões arquitectónicas mais ou menos convenientes, que resultaram na definição de uma capela, uma nave e um baptistério. Desde 2004 que se desenvolve um projecto internacional no local, e será necessário reavaliar uma série de ideias feitas, havendo sequências que parecem contradizer a adaptação directa da casa em basílica paleocristã. Sem dúvida funcionou ali uma igreja alto-medieval, com múltiplas sepulturas datadas do século XII.

Por outro lado, nos últimos anos fundamentou-se a ideia de importantes horizontes alto-medievais. Um dos avanços consiste na determinação cronológica de elementos, através de datações por radiocarbono (DE MAN e SOARES 2005), o que possibilitou a correcção de atribuições tradicionais referentes, por exemplo, a elementos cerâmicos tidos como baixo-imperiais, como os alguidares de base em disco e cordões digitados, os púcaros de colo recto e canelado, ou as asas puncionadas.

As villae

Esta realidade dentro de *Conimbriga* teve uma clara correspondência fora da cidade. A ruralização urbana baixo-imperial e medieval assistiu a um desenvolvimento, mais ou menos correlacionado, de *villae* tardias, novas ou remodeladas, e depois de núcleos medievais. Das duas dezenas de villas localizadas, apenas o Rabaçal e Santiago da Guarda estão suficientemente escavados para se tornarem representativos. Quanto à villa do Rabaçal, ela é nitidamente baixo-imperial, mas pensamos que terá tido uma sobrevivência bastante ampla, a julgar pela quantidade de elementos tardios expostos no museu. Os entesouramentos numismáticos, centrados no século IV, atingem os inícios do seguinte (PESSOA 1998, 63), numa expressão coerente com os demais sítios urbanos e rurais. A villa em si é perfeitamente baixo-imperial, de meados do século IV (PESSOA 2005, 363), o que obriga a articulá-la na nova paisagem pós-diocleciana que, em moldes gerais, se traduziu na validação de núcleos rurais, em suposto detrimento urbano. Nada obsta, contudo, a uma manutenção de um determinado tipo de preponderância das cidades por mais um século, ou seja, não existe nesta lógica uma relação de proporcionalidade inversa.

A intervenção em Santiago da Guarda decorreu ao longo de quatro anos, sob a direcção de Rodrigo Pereira (2002 a 2006). Resultou na definição de uma *villa* do século IV e remodelada no século V, onde foram localizados vários pavimentos musivos e pinturas murais. Uma parte central da *villa* serviu de fundação para o monumento quinhentista, o paço dos Vasconcelos (ou dos Condes de Castelo Melhor). A metodologia utilizada na abordagem ao monumento, permitiu que o projecto (CORTEÃO, PEREIRA e TRINDADE 2006) se desenvolvesse de modo a integrar as estruturas arqueológicas descobertas, sem alterar a leitura do edifício quinhentista. A primeira fase foi posta em prática no ano 2000 e caracterizou-se por uma consolidação geral das alvenarias do edificado. Seguiu-se em 2004 a recuperação da torre quatrocentista, que teve como objectivo a criação duma estrutura que permitisse simultaneamente observar a paisagem envolvente e as estruturas romanas que os trabalhos arqueológicos revelaram no piso inferior, até então aterrado. A terceira fase decorreu durante o ano de 2005 e tal como a anterior foi pensada de modo a estabelecer uma perfeita harmonia entre o edifício romano e o paço senhorial. Deste modo, surgiram trabalhos tão diversos como a demolição das estruturas dissonantes, que foram acrescentados ao edifício, o tratamento das fundações, a criação de infra-estruturas relacionadas com as redes de esgoto, electricidade, água e telefone, a cobertura do imóvel e o tratamento das fachada, dos vãos e cantarias, permitindo assim a habitabilidade do espaço e consequentemente a sua utilização. Por último, já em 2006, foi tratado o pátio central do paço quinhentista, a solução adoptada passou pela pavimentação em pedra de calcário de cor negra e branca, onde se desenharam as estruturas arqueológicas descobertas sob aquele espaço.

O contraste entre as arquitecturas de Santiago da Guarda (uma grande *villa* complexa e Rabaçal (uma *pars urbana* de características especiais, virtualmente únicas) levanta questões de muito grande interesse para o estudo futuro da estruturação territorial dos espaços das *civitates* e das formas como a implantação "aristocrática" se faz no período post-constantiniano. É, nomeadamente, muito interessante poder colocar e vir a explorar a hipótese de a conformação das arquitecturas domésticas rurais nesta época ser, pelo menos parcialmente, função da distância do pólo rural ao centro urbano. Esta função explicaria que uma villa muito próxima da cidade não dispusesse de todas as valências residenciais, ao contrário de uma

mais afastada de qualquer centro dessa natureza. Teríamos assim uma explicação para o referido contraste e, de passagem, um matiz assinalável na estrita contraposição mundo urbano alto-imperial/mundo rural baixo-imperial que ainda é referenciável em muita literatura.

Outra linha de pesquisa é a da caracterização global e análise da evolução das produções das oficinas de mosaicistas de Conimbriga, sendo o enriquecimento do corpus um instrumento de maior importância para tal. Os fenómenos históricos e post-deposicionais que ditaram a nossa actual ignorância sobre as produções urbanas dessas oficinas a partir do séc. IV, podem também agora ser contrastados com as produções do entorno rural da cidade. Preliminarmente avançaríamos que a análise dos motivos musivos sugere talvez uma muito mais directa filiação dos exemplos tardios localizados nos espaços rurais aos exemplos mais antigos do centro urbano do que tem sido sugerido (LANCHA 2004, 92).

Perspectivas de futuro

A prospecção geofísica de dois núcleos, um em Soure Madanela, Coles de Samuel) e outro em Pombal (Santo Ibério), permitirá a curto prazo a realização de novas escavações em área.

Uma estratégia territorial deve ter em conta que a paisagem antiga das Terras de Sico não se concebe como uma rede de núcleos perfeitamente equivalentes. É necessário avaliar problemáticas regionais, tal como a distribuição de cerâmica, as relações entre *villae*, vias, capacidade de uso de solo estimada, cota de implantação e todas as outras variáveis com implicação na lógica de assentamento humano. Em várias províncias ocidentais, torna-se nítido que as explorações agrícolas se concentravam mais em torno de núcleos secundários do que propriamente de cidades capitais, numa inversão daquilo que se teria em época alto-imperial (PALLISER 2000, 20-21). A agricultura alto-medieval centrava-se portanto tendencialmente em aldeias com ténues ligações aos circuitos de herança clássica. Mas destacam-se interessantes continuidades a nível de cerâmica local e de importação, de equivalências musivas e arquitectónicas, que indiciam uma unidade cultural entre a For. do Mondego e a Serra de Alvaizere, condicionada pela via romana, e depois ampliada pelas autarquias baixo-imperiais e tardo-antigas. Essas continuidades devem ser interpretadas de acordo com uma tripla metodologia (QUIROGA e LOVELLE 1993, 414-416), seguindo uma conversão de métodos microgeográficos, regressivos e, por fim, comparativos.

A utilidade social do projecto

Conimbriga é, em termos de percepção pública e de número de visitantes, o principal sítio arqueológico do país, e de assinalável relevância a nível peninsular e europeu. O desenvolvimento de um projecto de arqueologia territorial e da paisagem, decorrência natural da existência de um centro de investigação não dispiciendo, ganha nesse sentido uma acuidade muito particular como vector de desenvolvimento de projectos com valências culturais e educacionais, económicas e turísticas.

É nesse enquadramento que a Associação de Desenvolvimento Regional "Terras de Sico" suporta o desenvolvimento do projecto.

Isto compagina-se com os projectos já implantados na região, dos quais o da *villa* romana e espaço-museu do Rabaçal é, dado o prazo já mais dilatado do seu desenvolvimento, o mais conhecido.

Mas também, e como qualquer núcleo museológico, o Paço dos Vasconcelos terá por missão investigar, conservar e difundir o património cultural da região em que se insere. Deste modo, o visitante ao percorrer esse edifício terá informação sobre a evolução que a construção sofreu ao longo das diversas fases de ocupação, da recuperação de que foi alvo e da paisagem envolvente. Informação essa que será obtida de diversas formas: mediante um percurso que se realizará nas alas este e norte do paço com espaço multimédia; através duma vitrina expositora situada sensivelmente a meio do percurso, entre a ala este e norte, com o espólio arqueológico associado ao edifício; na visita à torre podem-se observar através duma estrutura em ferro e vidro com iluminação artificial adequada, as estruturas arqueológicas que surgiram ao nível do piso inferior e que simultaneamente permite o acesso ao coroamento da torre de modo a compreender o território envolvente. Nos restantes espaços localizar-se-ão o centro de documentação, a área da administração, a sala polivalente, a habitação temporária e a oficina de arqueologia. Por último a loja/cafetaria para venda de produtos endógenos das Terras de Sicó e respectivas instalações sanitárias.

Nesta fase ainda embrionária do projecto, será portanto impossível apresentar conclusões, mas apenas deixar à consideração pública as ideias e as intenções.

Bibliografia

ARRUDA, A. M. (1988/89) – Conímbriga: escavações de 1988-89: 1 - Algumas precisões sobre a cronologia do Bairro Indígena. *Portugalia*, Nova Série, 9-10: 93-100, Porto.

CORREIA, V. H. (1993) – Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no Baixo Vale do Mondego. In *Os Fenícios no Território Português*, Estudos Orientais IV. Lisboa: Instituto Oriental, Universidade Nova de Lisboa, p. 229-283.

CORREIA, V. H. (1997) – Nouvelles recherches à Conímbriga. In *Itinéraires Lusitaniens, trente années de collaboration archéologique luso-française*. Paris: Diffusion de Boccard, p. 36-48.

CORREIA, V. H. (2001) – Conímbriga. Casa atribuída a Cantaber, Trabalhos arqueológicos 1995-1998, *Conímbriga* XL: 83-140.

CORREIA, V. H. e REIS, M. P. (2000) – As termas de Conímbriga: tipologias arquitectónicas e integração urbana. In *II Coloquio Internacional de Arqueologia en Gijón, Termas en el Occidente del Imperio*. Gijón, p. 271-280.

CORTESÃO, L., PEREIRA, Rodrigo e TRINDADE, Luísa (2006) – Um sedimento, uma ruína, um projecto. O Paço dos Vasconcelos, em Santiago da Guarda. *Monumentos* 25. Lisboa: DGEMN, 214-225.

CUNHA, L. (1990) - *As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Estudo de geomorfologia* (Coimbra, INIC, Geografia Física - 1).

CUNHA, L. (2005) – Le massif de Sicó. *Table-Ronde Franco-Portugaise, Le karst au Portugal (Géomorphologie, Spéléologie, Etudes Environnementales)*, Coimbra, p. 9-22.

DE MAN, A. (2006) – *Conímbriga do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Edições Sílabo.

DE MAN, A. (2007a) – O anfiteatro de Conímbriga: novos elementos pós-clássicos. *Portugalia*, Nova Série, *****. Porto.

DE MAN, A. (2007b) – The Late Urban Fort of the Bico da Muralha, Conímbriga (Portugal). *Mediterranean Archaeology & Archaeometry*, vol. 6, n. 1: *****. Rhodes.

- DE MAN, A. e SOARES, A. M. M. (2005) – Caracterização e datação pelo radiocarbono de horizontes tardios de Conimbriga. In *IV Simposio Internacional de Mérida*, Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida/Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida (no prelo).
- GUTIÉRREZ ILORET, S. (1996) – *La cora de Tudmir de la Antigüedad Tardía al mundo islámico. Poblamiento y cultura material*. Madrid-Alicante: Casa de Velázquez.
- LANCHA, J. (2004) – Sources, Images et Originalité des ateliers de mosaïstes de Conimbriga. In Correia, V.H. (ed.) *Perspectivas sobre Conimbriga*, Lisboa. Ed. Ancora, 80-95.
- MANTAS, V. (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- OLIVEIRA, C. (2006) – Mosaicos romanos: balanço de uma década de investigação em Portugal (1995-2005), *Conimbriga* 45: 275-299. Coimbra.
- PALLISER, D. M. (2000) – The origins of British towns. In *The Cambridge Urban History of Britain, volume 1, 600-1540*. Cambridge: University Press, p. 17-24.
- PEREIRA, Rodrigo M. M. (2002 – 2006) – *Intervenção Arqueológica no Paço dos Vasconcelos, Relatórios de Progresso Técnico e Científico*: texto policopiado.
- PESSOA, M. (2005) – Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território das civitates de *Aeminium* e de *Conimbriga*. Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia* volume 8, número 2: 363-401. Lisboa.
- QUIROGA, J. L. e LOVELLE, M. R. (1993) – Arqueologia medieval en Galicia: balance y perspectivas a partir de experiencias recientes. In *III Congreso de Arqueologia Peninsular, Actas I*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p. 411-430.
- RIBEIRO, O. (1993) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: João Sá da Costa.
- RUIVO, J. S. (2006) – Conjunto monetário tardo-romano da Casa do Mediano Absidado (Conimbriga), *Conimbriga* 45: 301-309. Coimbra.
- STEIN, G. J. (2002) – From Passive Periphery to Active Agents: Emerging Perspectives in the Archaeology of Interregional Interaction. *American Anthropologist* 104, 3: 903-916. New York.
- THOMAS, J. (1993) – The Politics of Vision and the Archaeologies of Landscape. In *Landscapes. Politics and Perspectives*. Providence Oxford: Berg, p. 19-48.